

O PARADIGMA DOMINANTE NA EDUCAÇÃO

Fabiana Fagundes Barasuol¹

RESUMO

Muito se tem discutido sobre os problemas que a educação enfrenta e muito tem-se traçado teorias que *a priori* oferecem instrumentos para solucionar o fracasso escolar. Submersos a estas teorias verifica-se uma crise evolutiva causada pela influência do positivismo na conduta do pensamento e no conhecimento das pessoas. Influência esta, que abrange desde a família (instituição em crise), aos espaços escolares e o mundo do cidadão atuante em sociedade.

A ótica neoliberal conduz a uma lógica mecanicista de aprendizagem; onde o conhecimento compartimentalizado, produzido pelo parcelamento do currículo, não dá conta da complexidade humana e a manipulação do processo educacional por parte dos que controlam decisões e poderes, padronizam uma aprendizagem desconectada e inclinada a conduzir o pensamento para a conveniência das “minorias capitalistas”.

Fazer uma reflexão crítica sobre a matéria-prima que faz com que o mundo hoje seja desprovido da possibilidade de reflexão e educação intelectual é o objetivo deste artigo. Para redigi-lo foi realizada uma extensa pesquisa por autores que vêem na educação uma estratégia para um mundo melhor.

Repensar a educação, lutar contra o conformismo e a resignação, recuperar valores éticos desde a família, a escola e ao cidadão são caminhos para a saída da situação “marginal” que se encontra nosso povo.

Palavras-chave: educação – inquietude – mudança – cidadania.

O PARADIGMA DOMINANTE NA EDUCAÇÃO

Vivemos no século XXI num misto de conflitos entre progresso e tragédias, entre a busca constante pela informação de uns e o “alienamento cultural” de outros. Presencia-se mudanças em todos os níveis, do econômico ao político, do social ao cultural, bem como, alterações de contexto em que se desenvolvem as atividades humanas, associando-se noções de finitude da Terra e da capacidade de regeneração da natureza.

O mundo encontra-se imerso em uma crise generalizada. A “metrópole imperial” faz da guerra o método de resolução de conflitos. As pessoas vivem sob a pressão de serem obrigadas a ocupar-se primeiramente que tudo, e quase que exclusivamente, da sobrevivência. Fecham-se sobre si mesmas, procuram saídas individuais para seus problemas, transformando o trabalho em algo alienante, desprovido de qualquer possibilidade de reflexão e educação intelectual. O desemprego, por sua vez, obriga as pessoas á submissão da busca quotidianamente incerta dos meios de sustento (SANTOS, 2004).

¹ Autora e apresentadora. Graduada em Matemática pela UNICRUZ e Mestre em Matemática pela UNIJUÍ. E-mail: fabianaafbar@bol.com.br.

Como consequência da falta de investimentos nas tarefas educativas por parte dos Estados do capitalismo, vimos os meios de comunicação de massa como nossos maiores educadores, saturando-nos com entreterimentos banais e violência e cobrindo “as maiorias” com o véu da ignorância à quem foi retirado o direito a desenvolver-se intelectualmente. O mais absurdo é que não se vislumbra uma solução, pois para começar, nem sequer existe consciência de tal problema.

A educação, segundo Sader (2005), que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento dos estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes.” Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes.

Preso a este “caos”, segundo Santos (2004), está a formação universitária, sobretudo das ciências e as humanidades, onde observa-se a perda de seu valor, pois muitos daqueles que poderiam ser professores e investigadores vêem-se limitados à execução de trabalhos alheios à sua orientação profissional e, cada vez mais, as estruturas estatais preferem importar o conhecimento dos grandes centros mundiais de produção científica e tecnológica à estimular um desenvolvimento próprio, provocando com isso, a diminuição da criatividade global da sociedade, bem como, da liberdade individual.

Tal paradigma é sentido também nas práticas curriculares, enquanto o fracasso e a exclusão continuam a marcar profundamente às escolas; enquanto a teoria e a prática não se reaproximam da realidade; enquanto o conhecimento compartimentalizado, que é produzido pelo parcelamento do currículo, padronizam uma aprendizagem desconectada da mente dos que aprendem.

Garcia e Moreira (2003) ao discutirem as diversas teorizações que o currículo vem sofrendo e que estão afastando do tema central que é o conhecimento escolar, fazem uma reflexão da escola acusada de não conseguir ensinar, de não promover a aprendizagem do aluno, de estar formando pessoas sem os conhecimentos indispensáveis à luta por uma vida mais digna, segundo os autores, o conhecimento é hoje cada vez mais importante e a educação é uma questão estratégica no mundo. A tensão entre homogeneidade e diversidade tem sido uma característica constante da teoria e da prática da educação moderna, que se divide por um lado, o desejo de usar a educação para tornar as pessoas mais parecidas e por outro lado, o desejo de atender às diferentes orientações culturais e as diferentes aspirações a respeito do trabalho e modo de vida, representados pela diversificada população de alunos.

Ora, um paradigma dominante, segundo Santos (2005), se constitui num modelo global, totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. Um conhecimento baseado na formulação de leis com o pressuposto metateórico da idéia de ordem e estabilidade do mundo, onde o passado se repete no futuro, onde o conhecimento fecha as portas a muitos outros saberes, contribuindo para o aprofundamento do fosso em termos de desenvolvimento científico e tecnológico.

Fica claro, que o positivismo foi e ainda é o grande responsável pelo processo de formação do conhecimento científico. A lógica mecanicista em vários espaços de

aprendizagem; a redução do conhecimento à dimensão da especialização sem dar conta da complexidade humana; a manipulação do processo educacional, por parte dos que controlam decisões e poderes são exigências do mundo contemporâneo que exige que pensemos somente o que é conveniente, privando-nos das condições para pensar.

É bem conhecido, segundo Santos (2004), que a ciência moderna e o capitalismo têm vivido em regime de núpcias quase perfeito, há já mais de três séculos. O fim da Idade Média européia, com a ascensão da burguesia comercial e o nascimento da ciência moderna, marca o início duma nova era, caracterizada pela continuada globalização e em que, de uma forma geral, ainda vivemos.

No reino do capital, segundo Sader (2005), a educação é, ela mesma, uma mercadoria. Daí a crise do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. Talvez nada exemplifique melhor o universo instaurado pelo neoliberalismo, em que “tudo se vende, tudo se compra, tudo”.

Torna-se urgente, conforme Brandão (1995), repensar o poder da educação em oposição a essas tendências. Ou seja, centrar o processo educacional na criação de atitudes não-conformistas e, portanto, desenvolver crítica e solidariamente, opções políticas ativas e práticas politicamente criadoras de novidades. Isso inclui, discussões e trocas com os alunos dentro e fora da escola, o sentido do direito e da responsabilidade de tornarmos sujeitos na construção de nossos próprios sentidos. Destaca-se o sentido do inconformismo, o porquê da situação quase sempre marginal em que colocam os defensores da ordem estabelecida. Recuperaríamos o pleno direito pessoal ao imaginário, à contestação permanente, à participação em todos os processos de produção e transformação da vida social. A contestação não precisaria mais se deter somente nos âmbitos definidos por ajustamento profissional, segundo as leis preestabelecidas do mercado capitalista de intercâmbio de bens, de serviços, de poderes e de sentido de vida e de sua evidenciação como uma forma de cultura. Precisamos devolver, como educação, e na escola, o sentido da história como processo de construção do destino humano do qual todos devemos participar – e que, se tem um sentido, ele está em ser campo sempre aberto à experiência, ruptura e transgressão.

Isso requer uma estratégia adequada para neutralizar a obsolescência e saber estar em dia, apesar da rapidez com que o conhecimento “de ponta” se substitui: de outro modo, o sistema dominante sempre terá a possibilidade de impor a alienação sobre a capacidade criadora (SANTOS, 2004).

Pensamos, segundo Oliveira (1984), que a finalidade de qualquer ação educativa deva ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com que trabalhamos. Por isso mesmo, o estudo da realidade vivida pelo grupo e de sua percepção desta mesma realidade, constituem o ponto de partida e a matéria-prima do processo educativo. Pois, se bem entendido esta maneira de conceber a pesquisa, diretamente ligados às preocupações e experiências quotidianas do grupo com que se trabalha, difere em conteúdo e metodologia da utilização da ciência social justamente para suprimir os conflitos e reforçar a dominação.

Como nos lembra Paulo Freire, citado por Oliveira (1984), a “educação não é sinônimo de transferência de conhecimento pela simples razão de que não existe um saber feito e acabado, suscetível de ser captado e compreendido pelo educador e, em seguida,

depositado nos educandos. O saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento. Neste sentido, a verdadeira educação é um dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem”.

Precisamos resolver com urgência a crise “evolutiva” da escola em ser um lugar de “pobreza simbólica”, que segundo Garcia e Moreira (2001, p. 263), faz com que “os alunos das classes médias vão porque não existe outro remédio e os alunos das camadas populares vão porque nela se distribui um pouco de comida ou assistência e porque é um lugar mais seguro do que as ruas dos bairros periféricos”. Cada um, neste contexto, se arranjando como pode, aprendendo e ensinando o que pode e o ensino ocupando um plano secundário. Pela primeira vez em muitos anos, os filhos podem ter menos educação que seus pais.

Verifica-se que os docentes, cada vez mais, estão perdendo seu papel de “mediadores” em educação; com baixos salários, mínimas condições de trabalho, excessiva carga horária e o conformismo perante uma situação que lhes parece não ter solução.

A família, instituição em crise, por sua vez, não sustentam valores básicos de cultura e educação de seus filhos e delegam à escola funções que são dela. Percebe-se escolas, segundo Hüller e Fernandes (2007), cada vez menos disciplinadoras, com alunos indisciplinados, rebeldes, egoístas, desobedientes, prejudicando o desempenho e suas aprendizagens.

Creio que esta realidade só poderá ser mudada, no momento em que o “povo” tenha consciência dela e queira de fato mudá-la. Cabe a cada um de nós lutar contra o conformismo e a resignação e acolher a idéia de que somente com a educação, com a recuperação de valores éticos, desde a família, a escola e ao cidadão, poderemos sair desta situação “marginal” de que nos é imposta e da qual não estamos tendo o devido controle, pois os que lutam contra a exploração, a opressão, a dominação e alienação têm como tarefa educacional a transformação social ampla emancipatória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos. *Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo. Cortez, 1995.
- GARCIA, Regina Leite (org); MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org). *Currículo na contemporaneidade – incertezas e desafios*. São Paulo. Cortez, 2003.
- HÜLLER, Agnes Aline; FERNANDES, Flávia Garcia. A escola contemporânea: desafios e possibilidades. *Jornal da Manhã*, Ijuí, 31 de julho de 2007.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. *Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 17-33.
- SADER, Emir. Prefácio. Revista Espaço Acadêmico – nº 51 – Agosto/2005 – Disponível em: http://espacoacademico.com.br/051/51liv_meszaros.htm. Acesso em: 14 ago. 2007.

- SANTOS, Boaventura de Sousa (org). *Conhecimento prudente para uma vida decente “um discurso sobre as ciências” revisitado*. São Paulo. Cortez, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 3. ed. São Paulo. Cortez, 2005.

OBRAS CONSULTADAS

- ARROYO, Miguel G. *Fracasso/sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos*. In: Revista em aberto, Brasília, v. 17, n. 71, janeiro/2000.
- PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 1997.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *Fatores atuantes na evolução do sistema educacional brasileiro*. In: História da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 20. ed.
- SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. *Comprender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade. O currículo integrado*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1998.
- SANTOS, Edméia Oliveira dos. *Idéias sobre currículo, caminhos e descaminhos de um labirinto*. Revista FAEEBA, Salvador, BA, v. 13, n.22, p. 417-430, jul/dez, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *É chocante a resignação do brasileiro*. Disponível em:
http://jbonline.terra.com.br/destaques/bienal/entrevista_boaventura.html. Acesso em: 09 jul. 2007.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Porquê pensar?* Disponível em:
<http://www.celsovasconcelos.com.br/boa.doc>. Acesso em: 04 ag, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Prezados professores*. Disponível em:
<http://www.a-pagina-da-educacao.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1815>. Acesso em: 09 jul. 2007.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Projeto político pedagógico da escola: uma construção coletiva*. In: *Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas, SP: Editora Papirus.